



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JARDELE FAGUNDES SANTANA**

**O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS  
E AS EXPERIÊNCIAS DE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2020**

**JARDELE FAGUNDES SANTANA**

**O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS  
E AS EXPERIÊNCIAS DE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduação em Bacharelado em Humanidades apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erica Aparecida Kawakami.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2020**

**JARDELE FAGUNDES SANTANA**

**O ENVELHECIMENTO DAS MULHERES NEGRAS  
E AS EXPERIÊNCIAS DE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de graduação em Bacharelado em Humanidades apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Data de aprovação: 26/10/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erica Aparecida Kawakami (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Verônica Albuquerque Almeida**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudilene Maria da Silva**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>QUESTÃO DE PESQUISA</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>9</b>
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>15</b>
5.1	OBJETIVO GERAL	15
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>15</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se na área de conhecimento das Ciências Humanas e busca compreender como se constituem as subjetividades e singularidades das mulheres negras velhas institucionalizadas no Abrigo São Domingos, localizado em Santo Amaro, estado da Bahia.

Diante de incômodos com o termo “idoso” e também como ato político para não perpetuar estereótipos negativos com teor preconceituoso acerca da pessoa velha, forjados a partir de um referencial que tem como ideal a concepção socialmente constituída de juventude, buscou-se ressignificar o termo “velha” e manter sua utilização nesta pesquisa, considerando as mulheres como sujeitos de suas narrativas, possuidoras de autonomia, histórias, interesses, desejos e legitimidade em suas inquietações, memórias e saberes.

No Brasil, a ‘pessoa velha’ tem sido apresentada de modo pejorativo, associada a um conjunto de expressões que designam algo ultrapassado, sem validade, desatualizado, antiquado, social e economicamente inútil, historicamente associada às pessoas que “não podem assegurar seu sustento, estando desprovidas de status social” (PEIXOTO, 2000 *apud* SANTOS, 2016. p. 42), pois “a sociedade não espera que eles tenham sonhos ou quaisquer expectativas. Espera-se, somente, que tenham serenidade e aceitação de sua condição de velhos até a chegada da morte, em que deixam de ser uma fonte de lembranças para se tornarem fonte de saudades” (SANTOS, 2016, p. 15).

A palavra “instituição” traz em seu significado, na língua portuguesa, o ato de instituir, de criação, estabelecimento, associação ou organização de caráter social, educacional, religioso, filantrópico etc. Institucionalizar é dar o caráter de instituição, ou seja, a pessoa velha nessa condição seria “aquela a quem se dá ou que adquire o caráter de instituição, o que, obviamente, não faz sentido” (FERREIRA, 1986, p. 953, *apud* ALCÂNTARA, 2003, p. 21).

Essas instituições ficaram conhecidas pelo nome de asilos, abrigos ou albergues. Nessas expressões, contudo, há uma rotulação discriminatória, visto que carregam um estereótipo negativo de pobreza. Como forma de amenizar esses termos as instituições públicas e privadas os substituíram por: Lar dos Idosos, Casa de Repouso e afins, conforme esclarece Debert (1999).

Assim como o termo “idoso” será substituído por “velha”, nesta pesquisa, a expressão “asilos” também sofrerá alterações, de acordo com a literatura contemporânea da

área. Será utilizada a nomenclatura Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em consonância com os estudos mais recentes.

O surgimento das ILPTI's teve grande influência do cristianismo, tendo início entre os anos de 520-590, com Papa Pelágio II, cuja residência passou a ser um hospital para velhos (CAMARANO; KANSO, 2010). Na Idade Média, pessoas que prestavam serviços assistenciais aos pobres locados em hospitais eram consideradas caritativas - religiosos ou leigos - que para além de buscarem a salvação de suas almas, tinham o propósito de separar os indivíduos que poderiam representar ameaças à saúde da população (DEBERT, 1999 *apud* ALCANTARA, 2003).

As primeiras instituições já foram elaboradas pautando-se na assistência, na formação espiritual e na exclusão social. Em sua primazia, as ILPTI's tinham a função de abrigar aqueles que não se enquadravam em outras instituições, como andarilhos e pessoas velhas. Como explica Coelho (2017), “o rótulo velhice institucionalizada encobria, então, várias categorias, moribundos, indigentes, pobres, inválidos, solitários, doentes, alcoólatras e outros desvalidos” (p.34).

As ILPTI's são destinadas ao cuidado da pessoa velha fora do convívio familiar, porém não há um consenso sobre sua definição, tanto no Brasil quanto em outros contextos. Inicialmente, essas instituições eram dirigidas à população materialmente carente que precisava de abrigo, desse modo, muitas instituições brasileiras se autodenominam *abrigos*. A pesquisa “Condições de funcionamento e de infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil”, realizada pelo IPEA, entre 2007 e 2009, que buscou conhecer o perfil das ILPTI's brasileiras, identificou 3.548 instituições no território brasileiro, sendo 1.617 declaradas como filantrópicas e conveniadas. Em 2012, foram recenseadas 1.227 instituições pelo Sistema Unificado de Assistência Social (SUAS); e 1.451, em 2014 (CAMARANO; BARBOSA, 2016, p.481).

Somente no final do século XX, a denominação “asilo” passou a ser substituída por “Instituição para Velhos”.<sup>1</sup> Ainda assim, o termo “asilo” continua sendo empregado nos dias atuais com a mesma essência inicial de exclusão social. Essas instituições são reconhecidas segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2005), como instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania.

---

<sup>1</sup> Instituições de Longa Permanência Como Alternativa no Acolhimento das Pessoas Idosas, 2017.

Em se tratando das ILPTI's no Brasil Colônia, o artigo “Instituições de Longa Permanência como Alternativa no Acolhimento das Pessoas Idosas” (2017, p. 212) mostra que o Conde de Resende instituiu no Rio de Janeiro, no ano de 1794, a Casa dos Inválidos, destinada a proporcionar aos soldados velhos uma velhice eminente e tranquila. Sequencialmente, o Asilo São Luiz passou a ser nomeado como “A Velhice Desamparada”, fundado em 1890, qual foi a primeira instituição para pessoas velhas, também no Rio de Janeiro, contribuindo para a visibilidade da velhice.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no documento *Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios*, a população de pessoas velhas no Brasil está crescendo. Em 1980, existiam aproximadamente 16 idosos para cada 100 crianças, já em 2000, essa relação aumentou para 30 idosos por 100 crianças.

Apesar dos dados confirmarem o envelhecimento populacional, a sociedade brasileira não está preparada para uma mudança no perfil populacional, pois a longevidade, atualmente, não acompanha os benefícios de uma qualidade de vida acessível, a qual requer atenção e cuidados.

Sabemos que o envelhecimento é constitutivo do desenvolvimento humano, todavia, as formas de sua expressão, as condições de envelhecimento que são possíveis ou interdidas a diferentes grupos sociais e os significados atribuídos a esse processo são social e historicamente constituídas e, portanto, se modificam em cada cultura e em cada momento, a depender das hierarquias sociais que marcam a experiência de cada pessoa ou grupo. Portanto, na perspectiva contemporânea, com o culto à juventude como beleza, perfeição, vitalidade e produtividade, envelhecer torna-se uma vulnerabilidade. No envelhecimento, as mulheres são ainda mais vulneráveis do que os homens, esse fato é decorrente do contexto histórico que privilegia a supremacia masculina, no sistema do patriarcado que concebe o homem como sendo superior, o que legitimaria sua dominância em relação às mulheres e ao feminino, gerando violência, opressão e desvantagens ao gênero feminino, em várias dimensões da vida econômica, política, social e simbólica.

A inquietude de ouvir as narrativas dessas mulheres na instituição fez com que questionamentos e percepções acerca da experiência de envelhecimento daquelas que estão submetidas ao processo de institucionalização fossem despertadas: Quais as subjetividades das mulheres negras no Abrigo São Domingos, na cidade de Santo Amaro? Como se constituem o cotidiano dessas mulheres na instituição? Quais foram as condições que as encaminharam à instituição? Quais significados elas atribuem às suas experiências na instituição? Como elas criam e negociam possibilidades de viver, resistem e existem enquanto

mulheres negras singulares submetidas ao processo de envelhecimento na instituição? Além de, como essas mulheres negras coexistem nesse espaço? Quais alternativas de entretenimento são criadas ao longo do dia?

A inserção inicial nesse espaço, como meio de aproximar-me do campo de pesquisa, possibilitou-me ouvir a história de algumas dessas mulheres. Os encontros iniciais geraram reflexões, ainda que preliminarmente, a respeito da solidão das mulheres negras nesse contexto, a contenção de seus desejos, a significância da velhice a essas mulheres, além de proporcionar reflexões acerca da pluralidade de suas experiências.

Nesse sentido, com leituras sobre a temática racial e também a história de vida das mulheres negras velhas da instituição, a questão racial abordada nessa pesquisa a fundamentará, não como um recorte, e sim como constituinte dos sujeitos, pois se entende que a raça, na sociedade brasileira, em termos econômicos, sociais e culturais determina o cotidiano e a trajetória de vida das pessoas. Da mesma forma, acontece com as questões de gênero e classe social, uma vez que a sociedade brasileira foi historicamente construída pelo processo de escravização, expropriação e subjugação de corpos negros, pela supremacia do sistema do patriarcado e as inúmeras explorações decorrentes e estruturais do capitalismo fazendo com que essas três subestruturas de exploração e dominação se potencializem e se beneficiem mutuamente (TÁBOAS, 2018).

O tema da pesquisa consiste na experiência das mulheres negras velhas em contextos de institucionalização. Será abordado nessa pesquisa como essas mulheres vivenciam o envelhecimento neste espaço, como também será discutido as possíveis questões em torno da vivência afetiva dessas mulheres, além de considerar como os marcadores de gênero, raça e classe se encontram no processo de envelhecimento.

## **2 QUESTÃO DE PESQUISA**

Tendo em vista que a história da população negra foi marcada por uma realidade cercada principalmente pelo racismo e o machismo, o envelhecimento das mulheres negras pode acabar sendo um processo ainda mais complexo. Desse modo, a questão de pesquisa surge a partir de reflexões acerca do envelhecimento, considerando os efeitos de gênero, raça, classe social e institucionalização na produção da subjetividade e das experiências do envelhecimento das mulheres negras no “Asilo” São Domingos. A subjetividade relaciona-se, nessa pesquisa, com as percepções das mulheres negras velhas nessa instituição, com a

inquietação em apreender o significado que essas mulheres têm atribuído ao seu processo de envelhecimento no Abrigo.

Destarte a questão de pesquisa é: como as mulheres negras se percebem e vivenciam o processo de envelhecimento dentro da Instituição de Longa Permanência para Idosos?

### **3 REVISÃO DE LITERATURA**

A Organização Mundial de Saúde (2015) definiu como idoso a faixa etária de 65 anos ou mais de idade para os indivíduos de países desenvolvidos e 60 anos ou mais de idade para indivíduos de países em desenvolvimento.

Há diversos estudos sobre o envelhecimento populacional. De acordo com os mesmos, a predominância feminina na população “idosa” é recorrente, devido a menor taxa de mortalidade feminina (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016). As mulheres velhas alcançam, inclusive, uma maior possibilidade de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desfavorável, visto que a maioria das velhas brasileiras no contexto atual não teve um trabalho remunerado durante sua juventude.

Em concordância com Ana Maria Vasconcelos Nogales (*apud* COELHO, 2017, p.29), as mulheres passam por um período mais longo de debilitação física antes da morte do que os homens. Por outro lado, afirma a autora, “são elas que participam, mais do que os homens, de atividades extradomésticas, de organizações e movimentos de mulheres, fazem cursos especiais, viagens e trabalho remunerado temporário”. Além da redução de mortalidade feminina, o acesso delas às políticas públicas, especialmente na área da saúde e a queda de sua fecundidade contribuem com a existência de maior contingente de mulheres na velhice.

Ser velha no contexto social de consumo é tido como peso para o Estado e a economia, pois esta condição “é identificada como “inútil” ao capital, manifestando com isso preconceitos, estigmas, negligência e abandono, além da inexistência de políticas públicas efetivas que atendam essas mulheres” (PAVIN, 2020).

Zigmunt Bauman considera que “na sociedade de compradores, todos nós somos consumidores de mercadorias, e estas são destinadas ao consumo; uma vez que somos mercadorias, nos vemos obrigados a criar uma demanda de nós mesmos” (BAUMAN, 2008, p. 37). Trazendo para o contexto do envelhecimento da população, são propostos incentivos intrínsecos através das mídias sociais, de não envelhecer, uma ilusão de permanência do corpo jovem, a exemplo, os procedimentos estéticos. Ou, ainda, o envelhecer bem sucedido, o qual

mostra pessoas com mais de 60 anos radiando felicidade, saúde e estabilidades, além de múltiplas viagens. É importante questionar sobre qual velhice está sendo exibida, quem são essas pessoas, qual sua renda mensal, para, a partir desses questionamentos, pontuar para quem está sendo esse envelhecer bem sucedido.

Na sociedade contemporânea, a substituição de máquinas e aparelhos considerados “desatualizados” por outros com tecnologias modernas que tenham maior habilidade de exercer determinada função tem pautado os sistemas de produção e de consumo global. O novo aparece como mais interessante mais potente e mais desejável para que o processo produtivo capitalista não deixe de ser eficaz. Semelhantemente acontece com as pessoas no processo de envelhecimento, são invisibilizadas no contexto social, colocadas em um ambiente institucional ou domiciliar, como peças obsoletas dessa sociedade. “Uma estratégia é manter os idosos cada vez mais dentro do espaço doméstico, para não serem vistos e assim não desmentirem, com a própria existência, a falácia da eterna juventude e insaciável necessidade do novo”, analisa Oliveira (2016, p. 103).

O histórico de construção social das mulheres negras recai sobre sua localização enquanto escravizadas e sem direito algum. O sistema escravista concebia-as como propriedade, onde se tinha um lucro na força de trabalho do povo preto. Nesse contexto, “as mulheres podiam ser desprovidas de gênero e estavam muito distantes da suposta “fragilidade” feminina propagada no século XIX, ideologia essa que enfatizava o papel das mulheres enquanto mães protetoras, donas de casa, amáveis para seus maridos” direcionada para mulheres brancas (VILAR, 2018). Portanto, as diferentes vivências em torno da classe social e raça no gênero feminino desenham diferentes velhices, pois o envelhecimento continua carregando o que foi colocado de forma desigual na sociedade ao longo da vida, como o machismo, o racismo, a agressão psicológica.

Para Lélia Gonzalez (1984) o racismo seria uma construção ideológica com benefícios sociais e econômicos para brancos de todas as classes sociais, onde se tem o privilégio racial, ao mesmo tempo em que é um “sintoma da neurose da cultura brasileira”, visto que somado com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (p.224).

Há um estereótipo de que as mulheres negras são ‘mulheres fortes que aguentam tudo’ impactando na saúde mental dessas mulheres, como argumenta a historiadora Roberta Conceição Tavares *apud* Flávia Ribeiro (2020), em uma entrevista para a revista Alma Preta: “é como se as negras fossem sempre obrigadas a se mostrarem fortes em qualquer situação, inclusive nas de violência, que nos tira o direito de ter sensibilidade, de chorar, de pedir socorro. É algo que nos retira de dois lugares: o de mulher e o de humana”. Ao envelhecer,

esta ideia é ainda mais reforçada, pois elas terão que continuar sendo mulheres, negras e resistentes, ainda que nesse processo elas necessitem de ajuda.

A velhice no Brasil está atrelada aos riscos e as representações sociais negativas que está no imaginário social, além da estigmatização, a violência e opressão das mais velhas como também as relações de poder entre grupos geracionais. O envelhecimento é um processo social fundamental e complexo, entretanto, vale pontuar que o Brasil não se preparou, do ponto de vista das políticas públicas, concepções sociais e instituições para lidar com o crescimento da população envelhecida. Assim, é de extrema importância políticas que venham atender as demandas específicas desta população que tende a aumentar. Tendo em vista que o envelhecer é carregado de histórias, experiências de vida singulares, de modo que os contextos socioeconômico, cultural, étnico e racial estão atrelados e devem ser considerados nas histórias individuais se fez necessário abordar sobre o envelhecimento e, principalmente, as experiências das mulheres experimentando-o nas instituições desde múltiplas dimensões, para que a partir do que foi exposto seguirmos com as intenções da pesquisa.

Na dissertação intitulada “Negra velha: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade” (SANTOS, 2016), é discutido que “o processo de envelhecimento para as mulheres negras pode reforçar desigualdades, pois, além da discriminação de gênero, raça e classe social (geralmente, pertencem às camadas sociais mais pobres da população), agrega-se uma quarta dimensão: a idade” (p.47). Nesse sentido, a autora aponta que pode haver uma intensificação das desigualdades na velhice por sofrerem mais intensamente as ações dos marcadores sociais.

As múltiplas vulnerabilidades que as mulheres negras carregam no âmbito social, econômico, político e cultural durante as fases anteriores da vida reforçam as desigualdades no contexto da velhice somando ainda com a gerontofobia ou ageísmo o qual se refere essencialmente às atitudes de inferiorização, aversão e discriminação que os indivíduos e a sociedade têm frequentemente com os demais em função da idade, enquanto a discriminação por idade descreve a situação em que a idade é o fator decisivo (GOLDANI, 2010).

Fernandes e Garcia (2010) salientam que a velhice é atribuída aos indivíduos com diferentes experiências, deixando evidente que não é um processo igual para todos, expondo que:

na abordagem da velhice na perspectiva de gênero, outras variáveis se encontram interpostas e, como tal, influenciam a natureza do processo de envelhecimento de homens e mulheres, isto é, o sexo, as características hereditárias, o grau de

educação, o status, a cultura e a profissão também são condições que permeiam a individualidade da pessoa idosa, não permitindo, assim, que se estabeleça um modelo padrão para a experiência da velhice. Há, assim, a “bricolagem” de diferentes modelos de vivência desse fenômeno (p.782).

Diante do exposto, é notório como o envelhecimento é carregado de nuances. Se o envelhecimento das mulheres é um processo por vezes doloroso, falar dessa feminização em um contexto institucional pode significar uma condição a mais de vulnerabilidade para mulheres velhas institucionalizadas. Ao mesmo tempo em que é um lugar cercado por companhia, pode ser também um espaço de solidão, limitação dos desejos e afastamento social, tornando o lugar e o processo de envelhecer dentro de uma instituição não tão acolhedor quanto deveria.

Segundo Araújo, Souza e Faro (2010), o cotidiano dessas “idosas” acaba sendo determinado pelas normas da instituição, causando um desconforto e falta de expressão diante de seus desejos. Na pesquisa de Pavan, Meneghel e Junges (2008), os autores procuram entender os efeitos do processo de institucionalização na vida de “idosas” e estratégias para enfrentar esta situação. É exposto ao longo da pesquisa que várias idosas mostram insatisfação com os métodos utilizados para administrar o cotidiano na ILPTI afirmando que esse ambiente é um “depósito de velhos”. Os autores apontam que, para algumas mulheres que estão nessa situação de envelhecimento em uma instituição, o cenário é de sofrimento, porém não havendo uma alternativa acabam se submetendo às normas atribuídas. Contudo, outras mulheres velhas não deixam de expressar suas inquietações e indignação, sendo expostos esses sentimentos por meio de lamentações, depressão ou mesmo pela tristeza.

Dentre a categoria de mulheres velhas, as mulheres negras velhas são ainda mais vulneráveis do que as mulheres brancas velhas, pois, numa sociedade que além de ser machista é também racista, ao envelhecer, esse duplo sofrimento se sobressai nas mulheres negras, as quais ocupam o lugar do outro do outro, como preceitua Grada Kilomba *apud* Djamilia Ribeiro (2018):

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro.

Ou seja, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade de supremacia racial branca, a qual possui uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade,

já que é a antítese de ambos, branquitude e masculinidade (RIBEIRO, 2016). Diante do exposto, fica perceptível uma problemática social dirigida às mulheres negras, aqui articuladas enquanto mulheres negras, velhas e institucionalizadas e de baixa renda.

Para entender a vulnerabilidade dessas mulheres negras diante da velhice é importante destacar como estas mulheres foram inseridas na sociedade atual. Angela Davis (2016), em seu livro “Mulheres, raça e classe”, explica que:

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, ‘a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa’. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatiza o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias (p. 17-18).

Quando ao analisar o processo histórico de socialização da mulher negra numa sociedade que na verdade a objetificava, é possível entender os motivos pelos quais as mulheres negras têm sofrido e sofrerão na velhice mais do que aquelas mulheres velhas brancas.

A própria organização das famílias negras sofre rompimentos brutais diante da miserabilidade a que estão sujeitas numa sociedade desigual, injusta e absolutamente racista, como discutem autoras como Angela Davis (2016) e bell hooks<sup>2</sup> (2010). Assim, muitas mulheres vão experimentar o envelhecimento em instituições como ILPTI’s, outras ainda nos hospitais psiquiátricos, outrora chamados de manicômios. Como elas experimentam esse processo, o que as levam até esses espaços, como a sociedade e o Estado estão comprometidos com a institucionalização desses corpos, dessas existências? Esses questionamentos orientam o desenho dessa pesquisa, por meio da qual pretende-se discutir a constituição das subjetividades e as experiências de envelhecimento que mulheres negras carregam na sua existência, particularmente em um ambiente institucional.

O modelo de ILPTI’s no Brasil ainda tem características das instituições totais, essa associação é baseada no estudo de Erving Goffman, onde estas são definidas como: “um local de residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada

---

<sup>2</sup> Para ela, têm mais importância as ideias e o conhecimento do que ela própria: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas (FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO, 2019).

e formalmente administrada" (GOFFMAN, 1987, p. 11), a relação humana dos residentes fica fragilizada, pois ficam confinados em um local compartilhando sua própria individualidade, sem controle da própria vida, sem direito a seus pertences sociais e à privacidade, com relação difícil ou inexistente com funcionários e o mundo exterior (GOFFMAN, 1987).

Essa experiência de confinamento coletivo descrita por Goffman, nas instituições totais, interfere nas subjetividades dos indivíduos que ali habitam na medida em que para uma melhor harmonia e controle do local e dos institucionalizados adota-se padrões gerais de conduta, estabelecimento de rotinas coletivas, apelidos, uniformização de vestimentas, características essas que generalizam as experiências de cada ser sendo símbolo de uma difusão da identidade, deturpação da autoimagem. A literatura aponta para a possibilidade de compreendermos tais experiências como morte simbólica da personalidade, visto que esse tipo de institucionalização acentua o apagamento de si como sujeito singular, com agência.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

A pesquisa busca compreender a experiência do envelhecimento e a constituição das subjetividades das mulheres negras institucionalizadas no asilo São Domingos, bem como poderá apresentar novas informações para a própria instituição em que essas mulheres vivem, podendo gerar ganhos tanto para as próprias mulheres, como também para as pessoas que lá trabalham e até mesmo para a comunidade local, na medida em que visibilizará as suas experiências. Além disso, o presente trabalho visa documentar a história dessas mulheres negras, preservando assim sua memória, anseios e inquietudes, como também irá proporcionar análises e considerações para possíveis interesses posteriores de pesquisa.

Ademais, documentar as histórias das mulheres negras velhas institucionalizadas possibilita mais uma afirmação para a sociedade em olhar para esse grupo como integrantes de uma mesma comunidade, na qual possui direitos, inclusive o direito de ser amparado, de participar da comunidade, bem como de ter sua dignidade e bem-estar defendidos, e principalmente o direito à vida. Direitos esses previstos na Carta Magna de 1988, em seu artigo 230.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Outrossim, essa documentação traz uma nova leitura de mundo, pois as mulheres negras velhas são marginalizadas por fatores multidimensionais, na medida em que estão inseridas em um contexto social que cultua a juventude. Ressalta-se que essas narrativas podem contribuir nas deliberações do Movimento Negro, tendo em vista que as pautas circundam muito sobre o racismo, a sexualidade, as demandas que mulheres negras carregam no seu cotidiano durante a juventude, contudo pouco ou quase nada é debatido sobre estas mulheres na terceira idade.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar as experiências das mulheres negras que envelhecem submetidas ao processo de institucionalização no Abrigo São Domingos, em Santo Amaro.

### **5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar os significados que as mulheres negras atribuem ao seu processo de institucionalização;
- Identificar os fatores associados ao processo de sua institucionalização;
- Discutir as redes afetivas e sociais que se constituem no espaço da instituição;

## **6 METODOLOGIA**

A natureza desta pesquisa é qualitativa, pois tem a finalidade de compreender significados e experiências e descrevê-los sociologicamente. Buscamos identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente, ou seja, a observação e estudo de sentimentos, percepções e significações de mulheres negras institucionalizadas.

A pesquisa contará com o levantamento bibliográfico nessa temática, já que se fará necessário um conjunto de leituras de artigos, livros, dissertações e teses sobre este assunto. Temáticas de leituras como: direitos dos idosos, a visão das mulheres envelhecidas, o

feminismo negro, a mulher negra na sociedade contemporânea, o envelhecimento na psicologia, posto que irá proporcionar olhares significativos e contribuintes para a realização desta pesquisa.

Serão realizadas também *entrevistas narrativas* com as mulheres negras velhas na instituição, Asilo São Domingos, em Santo Amaro – Bahia, na perspectiva das *histórias de vida*, as quais têm sido definidas como “uma expressão individual acerca de sua existência através do tempo e da memória em que são reconstituídas”. (COLOMBY; COSTA; LOPES e PERES, 2016, p.4).

A entrevista narrativa será realizada em uma experiência presencial, na qual serão apresentados temas geradores baseados nas intenções da pesquisa. Por meio das narrativas dessas mulheres, buscaremos conhecer suas histórias de vida e na instituição.

Como instrumento para apreender aspectos experienciais da vida das mulheres negras velhas pretende-se organizar um *ateliê* criativo, o qual contribuirá com possibilidade delas se perceberem como sujeito que cria, que tem autoria, que experimenta coletivamente outras possibilidades e aberturas de reconhecimento de si, na instituição, além de proporcionar uma significação do *não dito* na pesquisa, contribuindo para ampliar a compreensão de suas narrativas.

Os dados coletados serão analisados a partir do referencial teórico que vai orientar a pesquisa, sobretudo, do pensamento feminista negro, numa perspectiva interseccional, como explicitam Lélia Gonzalez (1980), Angela Davis (1981), Kimberle Crenshaw (1989), Patrícia Hill Collins (2008, 2015) e Carla Akotirene (2020), entre outras. Todo o percurso da pesquisa, incluindo as observações e reflexões da pesquisadora, será registrado em um *diário de campo*.

A ética em pesquisa é fundamental, dessa forma, os ideais, crenças e fundamentos desse grupo serão respeitados sem impor-lhes verdades ou julgamentos. Será garantido o anonimato das suas identidades e a participação livre, esclarecida e consentida, mediante apresentação oral da pesquisa e da pesquisadora, acompanhada de documento escrito. Em caso de impossibilidade de se assinar o documento, a autorização para participação da pesquisa será gravada em vídeo ou áudio, com presença de testemunha. As participantes serão ainda informadas da possibilidade de utilização das informações em atividades de natureza científica e acadêmica, garantindo-se o sigilo das mesmas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido informará devidamente as participantes, atendendo, em sua formulação, todas as determinações do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa.

Por fim, serão observadas todas as recomendações constantes na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012\CNS\Ministério da Saúde e orientações do Comitê de Ética em

Pesquisa (CEP) da Unilab e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), bem como serão observados todos os protocolos e medidas de segurança e proteção das participantes e da pesquisadora no tocante à pandemia pela Covid-19, definidos pela Secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde, para a realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: ente abafos e desabafos**. Campinas: UNICAMP, 2003. Dissertação de Mestrado apresentada à Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

ANVISA. **Regulamento técnico para o funcionamento das Instituições de Longa Permanência para idosos**. Brasília: ANVISA, 2005.

ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira; FARO, Ana Cristina Mancussi. E.; SOUZA, Luciana Aparecida de. Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **HERE - História da Enfermagem Revista Eletrônica**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 250-262, 2010.

BARBOSA, Pamela; CAMARANO, Ana Amélia. Instituições de Longa Permanência PARA Idosos no Brasil: do que se está falando? In: ALCÂNTARA, A. D. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 479-514.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1<sup>a</sup>, p. 233-235, janeiro-junho 2010.

COELHO, Mariana Rosi. **Envelhecimento e institucionalização: uma discussão a partir da realidade de mulheres acolhidas em uma instituição de longa permanência para idosos em Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, 2017. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Socioeconômico. Serviço Social.

COLLINS, Patrícia Hill. Como alguém da família: raça e etnia. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, p. 27-52, 2008.

\_\_\_\_\_. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In. MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015. p. 13-42

CRENSHAW, Kimberle. **Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista**, 1989. Disponível em:  
<<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclf>>

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

FERNANDES, Maria das Graças Melo.; GARCIA, Loreley Gomes. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 771-783, 2010.

FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO. A pedagogia negra e feminista de bell hooks. **Portal Geledés**, 2019. Acesso em: 16 março 2019.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GOLDANI, Ana Maria. "Ageismo" no Brasil: o que significa ? quem pratica? o que fazer com isto? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 2, p. 385-405, 2010.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. Vivendo de Amor. **Portal Geledés**, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 25 novembro 2019. Tradução de Maísa Mendonça.

IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

JUNGES, José Roque; MENEGHEL, Stela Nazareth; PAVAN, Fábio José. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, setembro 2008.

MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; SILVA, Ana Lucia Andrade da. Population aging in Brazil: current and future social challenges and consequences. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 507-519, 2016.

OLIVEIRA, Ilka Custódio de. **Mulheres negras idosas: a invisibilidade da violência doméstica**. São Paulo: PUCSP, 2016. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OMS. **Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saude**. Genebra: OMS, 2015.

PAVIN, Raquel da Silva. A feminização da velhice e o apoio social. **Portal do Envelhecimento**, 2020. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/a-feminizacao-da-velhice-e-o-apoio-social/>>. Acesso em: 10 outubro 2020.

RIBEIRO, Djamila. A categoria do Outro: o olhar de Beauvoir e Grada Kilomba sobre ser mulher. **Blog da Boitempo**, 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/07/categoria-do-outro-o-olhar-de-beauvoir-e-grada-kilomba-sobre-ser-mulher/>>. Acesso em: 25 novembro 2019.

RIBEIRO, Flávia. Estereótipo sobre ‘ser forte’ afeta saúde mental das mulheres negras. **Alma Preta**, 2020. Disponível em: <[https://almapreta.com/editorias/realidade/estereotipo-sobre-ser-forte-afeta-saude-mental-das-mulheres-negras?fbclid=IwAR2xSvOiGnqI7hY31d2GLbAHJRzK\\_BylQsdsvYOqvs7K6MVeLlwOXR\\_o\\_hnY](https://almapreta.com/editorias/realidade/estereotipo-sobre-ser-forte-afeta-saude-mental-das-mulheres-negras?fbclid=IwAR2xSvOiGnqI7hY31d2GLbAHJRzK_BylQsdsvYOqvs7K6MVeLlwOXR_o_hnY)>. Acesso em: 01 outubro 2020.

SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. **Negras velhas**: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TÁBOAS, Ísis Menezes. Gênero, raça e classe são três eixos estruturantes que constituem a nossa sociedade. **Movimento de Mulheres Camponesas**, 2018. Disponível em: <<http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/398>>. Acesso em: 05 setembro 2020.

VILAR, Caroline Coelho. A luta pela sobrevivência: o desafio de ser mulher negra no Brasil. **Revista Movimento**, 2018. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2018/01/o-desafio-de-ser-mulher-negra-no-brasil-racismo-feminismo-escravidao/>>. Acesso em: 07 outubro 2020.